

SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA NAS AULAS DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO DA EREM COMENDADOR MANOEL CAETANO DE BRITO - PE

Carla Roberta Correia de Medeiros¹
Fabiano Custódio de Oliveira²

RESUMO

Este artigo enfoca a experiência de implementação de uma situação didática sobre o tema gênero e sexualidade, enquanto proposta de uma metodologia dinâmica e significativa, desenvolvida nas aulas de Sociologia do Ensino Médio na EREM Comendador Manoel Caetano de Brito, interior de Pernambuco. Discorremos sobre as atividades desenvolvidas e sobre a relevância da efetivação da práxis pedagógica na perspectiva da Educação Sexual. O caminho metodológico foi realizado através dos aportes teóricos associados à nossa experiência, apresentamos nossas reflexões sobre o caminhar da proposta mediante o relato de experiência no âmbito da Pesquisa- Ação, refletindo sobre as dificuldades que a abordagem carrega, os preconceitos e tabus nele embutido, tendo em vista as construções intersubjetivas que o conhecimento reporta. Por fim, tecemos nossas considerações finais sobre os resultados dessa experiência, apontando os desafios e as possibilidades de uma educação emancipatória, cidadã, que possibilite uma vivência social plena em direitos e responsabilidades.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Ensino de Sociologia. Psicanálise.

INTRODUÇÃO

Escola e Sexualidade: dois universos de múltiplas interferências, dois mundos nos quais pais e educadores têm muita dificuldade em estabelecerem conexão e informação; mesmo estando numa sociedade em constante mudança e diante da evidente necessidade de elucidações sobre a corporeidade sexual, isso ainda é distante do cotidiano dos jovens. A ideia de incluir nos programas escolares algumas noções sobre a sexualidade humana não é recente, de longa data, ela veio ao espírito dos profissionais de educação, sem, no entanto, ser condizentemente aplicada.

Acreditamos haver hoje um consenso generalizado em face da necessidade de uma Educação Sexual na escola. A sexualidade pode constituir uma forma privilegiada de enriquecimento pessoal e relacional ou, pelo contrário, transformar-se numa fonte de

¹ Mestranda em Sociologia pelo PROFSOCIO CDSA campus Sumé – (PB), docente da EREM Comendador Manoel Caetano de Brito – PE

² Doutor do Curso da licenciatura interdisciplinar em Educação do Campo – CDSA/UFCG – área das Ciências Humanas e Sociais. Coordenador do Laboratório de Ensino de Geografia e Educação do Campo – LEGECAMPO. Universidade Federal de Campina Grande - fabiano.geografia@gmail.com

sofrimento que afeta dramaticamente a vida da pessoa, quer a nível da realização pessoal e relacional, quer a nível das pesadas faturas pagas quando a sua expressão se faz de forma imatura, ignorante, culpabilizada e/ ou violenta. Por isso é relevante o trabalho efetivo nas escolas, bem como para a vivência em sociedade.

Se há um consenso sobre a necessidade de uma educação sexual, as divergências surgem de imediato quando se trata de implementar programas para a sua concretização, emergem as falsas dicotomias entre as responsabilidades da família e as da escola, cuja consequência tem sido um protelar sistemático da formalização da educação sexual. Na realidade, há um fator relevante neste adiamento sucessivo, um medo intrínseco: ao reviver situações de repressões quanto à sexualidade, pais e professores se omitem em lidar com este fato, a resistência é notória e ambos transferem os seus receios, tabus e preconceitos na elucidação do tema para outrem. “ Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é Educação sem refletir o próprio homem. Por isso é preciso fazer um estudo filosófico-antropológico começando por pensar sobre nós mesmos, procurando na natureza do homem. Algo que possa construir o núcleo fundamental onde se sustente o processo da Educação.” (FREIRE, 1986: 27).

O intuito é contribuir como agente de reflexão, de quebra de paradigmas, de preconceitos, a partir das apropriações dos conteúdos epistemológicos da Sociologia, da Psicanálise e da educação. Constitui sua relevância no trabalho social a partir da construção do diálogo entre educação e sexualidade por serem conhecimento que lidam diretamente com o desenvolvimento do ser humano e transitam pelas questões envolvidas no confronto entre a racionalidade e afetividade, vivências e conflitos, desejos e frustrações que permeiam os discursos dos jovens estudantes.

Nessa perspectiva esse artigo tem por objetivo apresentar situações de discussão e debate sobre Educação sexual experienciada na EREM Comendador Manoel Caetano de Brito, interior do estado de Pernambuco, nas aulas de Sociologia com alunos do Ensino Médio, com a pretensão de possibilitar as articulações entre diferentes saberes no campo das Ciências Sociais especificamente na disciplina de Sociologia e abordagens do campo teórico-científico que ratificam a experiência. O trabalho oportunizou o debate sobre gênero e sexualidade, com o intuito de combater a violência contra a mulher e a homofobia, o respeito a diversidade e a livre orientação afetivo sexual, na perspectiva de uma educação autônoma, consciente e responsável.

A pesquisa perpassa por um caminho de causa e efeito, analisando qualitativamente a experiência pedagógica com o tema Gênero e Sexualidade, na perspectiva de uma abordagem teórica que se fundamenta na construção sociológica e psicanalítica a partir das observações

no cotidiano, tendo como enfoque a questão de como abordar temas polêmicos e de interesse no ambiente escolar, sem permitir que preconceitos e tabus sejam repassados pelos educadores e absorvidos pelos alunos durante o processo de ensino-aprendizagem de conteúdos extremamente relevantes no desenvolvimento psicossocial e psicosexual dos jovens estudantes.

METODOLOGIA

Esta pesquisa está fundamentada por uma pesquisa-ação que de acordo com Thiollent (2005) existe uma melhor interação entre pesquisador e o grupo avaliado, a ordem dos problemas pesquisados e das soluções a serem encaminhadas se dão sobre a forma de ação concreta, o objeto da investigação e a situação social e os problemas de diferentes naturezas encontrados, o objetivo é resolver esclarecer os problemas havendo um acompanhamento de todas as decisões, ações e atividades dos sujeitos e a pesquisa não se limita a uma forma de ação. O trabalho levou-nos a um debate quanto as posturas, relações de poder e preconceito frente ao tema gênero e sexualidade, que embora tenha sido contemplado nos Parâmetros Curriculares Nacionais, não se efetiva enquanto prática pedagógica.

Nesse percurso, percebemos a existência de uma problemática quanto ao tema gênero e sexualidade, tanto no trabalho quanto na sala de aula e na vivência dos estudantes. Nossas escolas são permeadas por educadores cheios de preconceitos e dificuldades em lidar com o debate propriamente dito e estudantes repletos de dúvidas e curiosidades.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual utilizou-se a pesquisa-ação como método por se considerar que determinadas especificidades apresentadas no comportamento dos estudantes têm origem e sentido nos fenômenos sociais complexos, nas interações e nas construções sociais arraigadas na formação individual.

A problemática encontrada levou-nos a investigar uma forma de amenizar os impactos das omissões e incoerências quanto ao tema e também levar o conhecimento a esses estudantes de uma forma clara, objetiva e salutar que desperte nos mesmos o respeito e a vivência responsável da sua sexualidade.

REFERENCIAL TEÓRICO - A COR PÚRPURA DA SEXUALIDADE: UMA REFLEXÃO DE ESPAÇOS MARCADOS DE PRECONCEITOS E TABUS NO CONTEXTO DO ENSINO DE SOCIOLOGIA

A cor púrpura representa a junção do magenta com azul. Por que não ser púrpura as nossas concepções? Vivemos no mundo das cores, sofremos ao experimentar esses tons. Tons, cores e dissabores vivências humanas e enquanto construções sociais e culturais pautamos nossa existência nas grandes dicotomias de certo e errado, bonito e feio, rosa e azul, branco e preto, amor e ódio, esquecemos muitas vezes de perceber quem está por trás dessas proposições e concepções, quais relações circundam essas subjetividades.

A escola, enquanto espaço de transformação social, perpassa por diferentes contextos em diferentes épocas: um espaço de forças hegemônicas e poderes diversos erigidos por diferentes esferas sociais que conduzem a um percurso histórico muito relevante nas tendências e paradigmas educacionais. Enquanto processos, a educação necessita de leis e diretrizes que as fundamente e justifique; elaboradas por atores especializados. Mas e o espaço escolar? O que inquietações circundam as paredes das escolas? O chão da escola dialoga com as vidas: vidas entrelaçadas, vidas sucateadas. Vidas que questionam porque tem que ser assim? E é na estranheza das impressões que nasceu este trabalho, no caminhar do educador que percebe que a vida está além dos muros, dos livros, do currículo, dos documentos.

É importante reconhecer os avanços alcançados no âmbito da educação sistemática brasileira, dentre eles a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, e os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs a Base Nacional Curricular Comum – BNCC, cujo intuito principal é auxiliar educadores a promover uma educação pautada na excelência dos direitos e deveres e na cidadania plena. Mas alguns temas são esquecidos ou escamoteados da práxis pedagógica, embora tenham sido elencados nos documentos oficiais, como é o caso dos temas transversais em relação ao trabalho com Educação sexual, suas diretrizes são nitidamente vagas, e não contemplam a relevância da abordagem.

É notório que o tema sexualidade vem sendo deixado de lado há décadas, mesmo durante a elaboração dessas diretrizes e no fazer pedagógico nas escolas. É um tema que é aleatoriamente discutido em algumas escolas, negado em casa, propagado nos meios de comunicação e apenas inserido em quadros de pensamentos pouco definidos, conduzido por técnicos, professores, grupos religiosos, pais, livros; em ações isoladas, sobre o pretexto de uma educação integral, é um percurso marcado de incertezas, de concepções fechadas e discriminatórias.

Em diferentes modalidades de ensino, em escolas distintas, observamos posturas estigmatizadas de preconceitos e discriminação quanto ao tema sexualidade. No âmbito escolar percebemos mundos distintos em uma mesma estrutura social, marcados por concepções extremas: de um ângulo percebemos uma visão ingênua que caracteriza os estudantes como seres assexuais, por outro lado, corpos erotizados marcados por estigmas de promiscuidade e perversão. É comum ouvirmos expressões entre profissionais da educação: ‘sobre sexo, eles sabem mais que a gente’. É como se na adolescência esses conhecimentos chegassem como num passe de mágica, ou de forma biológica, tal qual as transformações corporais. Para Reich (1987) diferentes autores voltaram o seu olhar para a sexualidade e apenas Freud demonstrou compreendê-la em sua plenitude:

(...) eu tinha examinado as diversas concepções da sexualidade, como foram expostas por forel, moll, bloch, freud e jung. estava descobrindo quão diferentemente cada um desses cientistas encarava sexualidade. à exceção de freud, todos eles acreditavam que a sexualidade, vindo de um céu azul sem nuvens, surpreendia o homem na puberdade. dizia-se que a “sexualidade despertava”. ninguém podia dizer onde havia ela estado antes disso. sexualidade e procriação eram encaradas como uma e mesma coisa. por detrás dessa concepção errônea, permanece escondida uma montanha de erros psicológicos e sociológicos. (Reich, 1987. p. 32)

Nessa visão, passa então a Educação Sexual a incorporar os valores pré-estabelecidos e citados como normas subjetivas. A família age benevolente, tolerando o insucesso escolar, a agressividade, o isolamento, até mesmo as repreensões e comportamentos violentos, porém quando as questões sexuais são colocadas para esclarecimento, age-se com autoritarismo, dando-se à sexualidade uma visão do “feio, proibido, vergonhoso e outros”. Assim,

(...) Consuma-se uma das realizações psíquicas mais significativas, porém também mais dolorosas do período da puberdade: o desligamento da autoridade dos pais, unicamente através do qual se cria a oposição, tão importante para o progresso da cultura, entre a nova e a velha geração. (GUTIERRA, 2003 p. 39)

Os valores das crianças e jovens encontram-se cada vez mais confusos, os profissionais que lidam com eles não estão preparados para esse novo estudante. Num contexto social de especuladores, desbravadores e principalmente sujeitos de ideais – embora esses ideais necessitem de reajustes e orientações. Há na problemática educacional, atualmente, profissionais que não sabem educar através do diálogo e educandos envolvidos a situações familiares conflitantes, o que recai numa educação pautada em conflitos cada vez mais difíceis de serem solucionados.

A educação enquanto espaço de convivência, de informação e transformação social requer dos seus profissionais, uma visão ampla do indivíduo em sua amplitude e incompletude,

nessa perspectiva não basta compreender a instituição como espaço de propagação de conhecimentos sistemáticos, nela encontra-se uma grande complexidade de sentimentos, vivências, ideais, paradigmas: da pessoa que fomos em algum momento da minha infância e o sujeito que desejo ser.

Por outro lado, a escola que carrega em seu bojo o papel de propagar o conhecimento sistematizado na perspectiva de uma Educação emancipatória e integral, não estaria aberta a realizar o trabalho voltado para educação sexual, para um atendimento satisfatório. Em face disso, pretendemos suplantar os falsos conceitos e a falsa moral com uma abordagem simples, honesta e coerente, sobre sexualidade e gênero, em consonância com a vida social, afetiva, cultural, política e religiosa junto aos nossos estudantes. Pois ao:

Falar de sexualidade implicaria afastar-se de um esquema de pensamento que era então corrente: fazer da sexualidade uma invariante e supor que, se ela assume, nas suas manifestações, formas historicamente singular, é porque sofre efeitos de mecanismos diversos de repressão a que ela se encontra exposta em toda sociedade; o que equivale a colocar fora do campo histórico o desejo e sujeito do desejo, e a fazer com que a forma geral de interdição dê conta do que pode haver de histórico da sexualidade. (FOUCAULT, 1984:10)

O intuito de realizar um trabalho sobre sexualidade na escola não se restringe a abordar conceitos estéreis, mas compreender os comportamentos, as representações sociais, culturais e principalmente subjetivas, com o intuito de desmistificar concepções, difundir informações científicas, na perspectiva das práticas contemporâneas acerca da sexualidade, da corporeidade, do respeito a diversidade. Dessa forma, o:

educador (...) é aquele que: - tem a docência como base da sua identidade profissional; - domina o conhecimento pedagógico, numa perspectiva de totalidade do conhecimento socialmente produzido, que lhe permite perceber as relações existentes entre as atividades educacionais e a totalidade das relações sociais em que o processo educacional ocorre; - é capaz de atuar como agente de transformação da realidade no qual se insere. (LIMA,2001 p. 83)

O termo sexualidade surgiu tardiamente, apenas no início do século XIX, e este fato não deve ser subestimado ou superinterpretado. Ele assinala apenas algo relevante e remanescente do vocabulário; mas não marca a brusca emergência daquilo a que se refere. O uso da palavra foi estabelecido a diversos fenômenos: o reconhecimento de campos de conhecimentos diversos (que cobriam tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais ou sociais do comportamento); a instauração de um conjunto de regras e normas, em parte tradicionais e em parte novas e que se apoiam em instituições religiosas, judiciárias,

pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos,

Vale ressaltar que, embora minorias sociais tenham conquistado um espaço de diálogo na sociedade contemporânea, existe ainda uma lacuna muito significativa na garantia de direitos, direitos estes que são subjugados muitas vezes por relações simbólicas, de repressão, negação, “nas sociedades ocidentais modernas, constitui-se uma experiência tal, que os indivíduos são levados a reconhecer-se como sujeitos de uma sexualidade (...) que se articula em um sistema de regras e coerções” (FOUCAULT, 2010:10). Relações de gênero, homofobia são processos culturais estabelecidos nas relações de poder, subjetivamente incorporados, mas materializadas em atitudes diárias, compreendê-las nos levará a ressignificação de posturas.

Podemos tomar como exemplo o patriarcado enquanto organização familiar, este reforça a relação da verticalidade entre seus membros, imprimindo na personalidade dos mesmos uma determinada estrutura psíquica, aprovada e inserida pela própria sociedade. E como todo processo concreto se estabelece a partir dessa relação que o ser humano tem com o seu meio social, é fácil verificarmos como a comunicação distorcida ou correta vai nortear todas as atitudes do indivíduo com a vida e a produção de relações interpessoais, bem como, com a transformação do seu contexto cultural, social, político e emocional.

Falar de sexualidade como uma experiência historicamente singular suporia, também, que se pudesse dispor de instrumentos suscetíveis de analisar, em seu próprio caráter e em suas correlações, os três eixos que a constituem: a formação dos saberes que a ela se referem, os sistemas de poder que regulam suas práticas e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade. Foucault (1984) São esses três eixos que irão fundamentar a metodologia do trabalho realizado nas aulas posteriormente elencadas, para a partir do olhar sociológico, construirmos uma nova postura frente a sexualidade humana.

A pesquisa apresentada tem como espaço de diálogo as aulas de Sociologia que se constituíram o ambiente de reflexão, onde as relações de gênero foram analisadas para compreender em que medida o gênero está atuando nas relações sociais e psicológicas na instituição escolar, partindo da definição sobre gênero a partir de Joan Scott: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (1995, p. 86). Ademais, foi possível verificar o que os estudantes da EREM Comendador Manoel Caetano de Brito, pensam a respeito das representações sobre o “ser homem” e o “ser mulher”, representações

estas que refletem em diferenças sociais, segregação, preconceitos, discriminação, homofobia e bullying; e que advêm de um processo de naturalização.

As questões sobre sexualidade são temas relegados ou muitas vezes deixados de lado em vários âmbitos sociais, sendo assim não é diferente na escola. O tema tende a não fazer parte dos currículos ou quando contemplados, são tratados de forma sucinta, tendo em vista as complexidades e os tabus que estes carregam, no entanto nos corredores das escolas, nas conversas entre os jovens, essa temática é motivo de questionamentos, conflitos e preconceitos.

Perceber e desnaturalizar as posturas adotadas socialmente constitui-se um instrumento e meta das aulas de sociologia. Perceber que as regras sociais nem sempre são justas e promovem igualdade, fazem parte do objetivo primeiro da Educação. Além disso, é relevante compreendermos gênero enquanto categoria de análise histórica a partir das reflexões feministas que marcaram especialmente o século XX, as relações de poder em meio às interações humanas, bem como, adotar uma perspectiva transversal, em que outras categorias sociológicas como classe, raça, gênero, religião e geração devem ser consideradas significativas para se analisar as desigualdades.

Não se constitui um trabalho fácil, tendo em vista que muito do que acreditamos, vivenciamos e construímos enquanto valores serão permeadas em nossas falas, posturas e práxis pedagógica. O papel da Sociologia na escola vem sendo discutido no Brasil, desde 1940, enquanto disciplina do Ensino Médio e efetivado a partir de 1996, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDBEN, com o objetivo de preparar jovens e adolescentes estudantes para uma formação mais humanitária do saber. O trabalho nos proporcionou trazer à sala de aula um ensino voltado para a autonomia intelectual do estudante no sentido de questionar as estruturas consolidadas pelo modelo heteronormativo de sociedade e com isso, quebrar paradigmas no que diz respeito ao preconceito, diferenças de direitos e desigualdades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO - SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: RELATOS DA EXPERIÊNCIA DA ABORDAGEM NAS AULAS DE SOCIOLOGIA

O tema sexualidade tem sido abordado em diferentes contextos e por diferentes áreas do conhecimento, é notório que ele abrange realmente diversos campos científicos de pesquisa e instiga diversos olhares e interpretações. Nossa abordagem teórica/ metodológica foi subsidiada a partir dos três eixos citados por Foucault (1984) correlacionada com as experiências e indagações dos jovens estudantes da EREM Comendador Manoel Caetano de

Brito, localizada na cidade de Poção no interior de Pernambuco, cidade pacata de aproximadamente 11.305 pessoas, denominada como escola integral, de 35 horas ou tempo. É a única Escola que oferta o Ensino Médio no município, acolhendo os estudantes do espaço rural e de algumas cidades próximas. A maioria dos nossos estudantes são filhos de agricultores e rendeiras, de pouca escolaridade, que depositam na educação a via de acesso a uma vida melhor, mas que ao mesmo tempo reconhecem a dificuldade dessa ascensão social.

O trabalho foi realizado com os alunos do Ensino Médio com idade entre 15 e 17 anos da EREM Comendador, jovens oriundos da classe trabalhadora, que em sua maioria não tem informação ou conversas sobre sexualidade com seus familiares e que buscam algum esclarecimento com amigos ou internet. Ficou evidente em seus relatos a dificuldade do diálogo e as inquietações que estes sentiam frente ao tema.

Em um primeiro momento, foi proposto uma análise conceitual a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes para que a partir das suas experiências, pudéssemos expandir o conhecimento, percebendo posturas e valores explícitos e implícitos em suas colocações. Para tratarmos das especificidades da Sexualidade realizamos a leitura de imagens, a fim de distinguirmos conceitos sobre gênero, sexo e sexualidade, tendo como aporte teóricos: Freud, Reich, Scott e Oakley, pesquisadores que fazem diferentes ancoragens nos temas e nos instigam a uma reflexão significativa dos conceitos abordados.

Como feedback da ação atividade proposta, construímos um mural com as percepções do tema na perspectiva do 'Antes e Depois – O que muda quando eu te encontro: CONHECIMENTO? O conhecimento colocado sugere os debates propostos sobre o tema e as reflexões à mudança de postura.

No segundo momento, há a escolha de duplas que irão realizar o contorno do corpo em papel espalhado no chão da sala. Faremos uma análise posterior onde será proposto a reflexão desde a escolha das duplas, a postura dos participantes, todas as performances percebidas.

Na etapa seguinte desta atividade os estudantes irão responder ao questionamento: quem habita esse espaço, e o que carrega no coração? Irão escrever suas percepções a respeito da figura que mora naquele espaço.

Após todos terminarem iremos discutir as respostas elencadas e as relações de poder, corporeidade, a erotização, etc. Essa ação terá como respaldo teórico autores como: Foucault, Reich e Simone de Beauvoir. Como feedback da ação da segunda atividade proposta, iremos separar as palavras ou frases que denotam relações de poder e argumentar sobre suas percepções e valores diante das palavras ou frase escolhida.

O terceiro e último momento contará com a leitura da letra das músicas e textos, com temas relacionados, tais como: Respeite as mina (Kell Smith); Avesso (Jorge Vercilo) e no país de Blowmink (Claudio Picazio)

Ao término da leitura serão discutidas as percepções em equipe, que terão como incumbência sintetizar as conclusões da equipe. A análise perpassará pelas formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos da sexualidade, na perspectiva do desejo que fundamenta a orientação sexual nas relações de gênero, no respeito e responsabilidades com o corpo. As bases de fundamentação teórica para esse trabalho serão Freud, Reich, Simone de Beauvoir. As aprendizagens serão observadas nas interpretações discutidas pelos grupos e na exposição dessas conclusões.

Essa ação no contexto escolar nas aulas de Sociologia vem reforçar a necessidade de uma ação sistemática da escola, no que diz respeito ao trabalho com Educação Sexual, tentando evitar informações equivocadas, homofobia, inquietações por parte do jovem quanto a sua orientação sexual. Enfim, tentando ampliar a compreensão do tema “In loco”, e buscando subsídios para o desenvolvimento de ações que visem um trabalho dinâmico, adaptada a realidade e aspirações dos jovens estudantes, com o intuito de estabelecer o paralelo entre Educação/Sexualidade. Uma vez que ambas buscam a compreensão e o processo ensino-aprendizagem, o crescimento e a dinâmica das relações entre os homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propomo-nos então, a refletir sobre a Educação Sexual enquanto tema transversal, contemplados nos documentos norteadores de ensino, abordado enquanto diversidade sexual e discussões de gênero no componente curricular de Sociologia, nos PCNs do Ensino Médio, num momento anterior às reformas educacionais. É notório que os modelos de educação vislumbrados até hoje pregam uma dicotomia entre teoria e prática, num modelo estritamente fechado, tendo uma relação de ensino e prática de adestramento, obediência, passividade e subordinação.

Primar por uma educação escolar voltada para o indivíduo biopsicossocial deveria ser a grande meta da educação; vida e intelectualidade encontram-se intrinsecamente relacionadas e se fortalecem quando aspectos como a cultura, ao contexto social e principalmente a sexualidade entrelaçam-se, garantindo a possibilidade de abrangência interpessoal com aspectos subjetivos relevantes. Tal educação seria fundada na ‘compreensão crítica do dia-a-dia, na cotidianidade’ dos indivíduos, pois “uma procura crítica de compreensão do cotidiano

abre uma instância de análise fundamental para a compreensão de como se embatem, de como lutam a ideologia dominante e a ideologia dominada.

São estas percepções que nos levam as transformações. A liberdade e autonomia perpassam em todos os aspectos, inclusive o sexual. Eis por que, para Paulo Freire, a tarefa histórica dos oprimidos é libertar-se e, em se libertando, libertar os próprios opressores. (...) Ao falar de projeto global da sociedade, não fazemos como se estivesse tomando-o como ideia abstrata, um desenho arbitrário, algo acabado na imaginação de uma liderança. Referimo-nos sim a um certo número de metas, solidárias entre elas e coerentes com um certo objetivo no campo da imaginação econômica e social.

E diante da função formativa da educação e suas relações com a sociedade fica evidente a necessidade de ser repensada, e esse novo olhar perpassa por uma formação completa e vinculada ao mundo do trabalho e da prática social, sem desvincular-se da essência. A educação básica enquanto direito e dever do Estado – pressupõe o acesso, a uma plenitude democrática, mediante a formação de indivíduos, cuja postura participativa, crítica, consciente da necessidade de inserir na sociedade possibilita a construção do pleno exercício da cidadania consolidado na ação da pessoa enquanto sujeito da história.

Dessa forma, não basta ser lei, norma ou regra, a determinação consolida-se realmente quando há no interior das instituições relações e reelaborações de concepções absorvidas por seus atores protagonistas e coadjuvantes durante suas vivências. A educação transforma, quando diante da pesquisa ação os estudantes e educadores conseguirem se desvencilhar das amarras dos preconceitos e discriminações. Quando esses espaços forem permeados de diálogo e conhecimento, compreendendo que a vida acontece a todo tempo e em todos os ambientes sociais.

A ação realizada efetivou um conhecimento significativo para os estudantes, desmistificou alguns conceitos e proporcionou novas inquietações, levando-nos a replanejar outras ações metodológicas. Percebendo também que outros componentes curriculares poderão nos auxiliar em novos projetos quanto a sexualidade humana, cumprindo dessa forma o seu papel enquanto conhecimento institucional, mas/ e principalmente desenvolvendo a formação humana.

REFERÊNCIAS

CIFALI, Mireille; HUMBERTO, Francis. **Freud e a pedagogia**. Editora Loyola, 1999.

COUTO, Maria Joana de Brito D' Elboux. *Psicanálise e Educação: A Sedução e a Tarefa de Educar*. São Paulo: Avercamp, 2003.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: O Uso dos Prazeres*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. In: **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 1984. p. 152-152.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Graal, 1985.

FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. Editora Paz e Terra, 2014.

FREUD, Sigmund; SALOMÃO, Jayme. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição 'Livros do Brasil', 1997.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização (1930)**. Cienbook, 2020.

GUTIERRA, Beatriz Cauduro Cruz. *Adolescência, psicanálise e educação: o mestre “possível” de adolescentes*. **São Paulo: Avercamp**, 2003.

LIMA, Maria Nayde dos Santos. ROSAS, Argentina (organizadoras) Paulo Freire – Quando as Idéias e os Afetos se Cruzam. Recife, Ed. Universitária UFPE/ prefeitura da Cidade do Recife, 2001.

LONGO, Leila. **Linguagem e psicanálise**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2006.

REICH, W. *A função do orgasmo: Problemas econômico-sexuais da energia biológica* (MG Novak, trad.). **São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1942)**, 1978.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. *O papel da Sociologia no currículo do Ensino Médio*. **II Simpósio estadual sobre a formação de professores de Sociologia**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009.